



COMEÇO-MEIO-COMEÇO: O QUE PODE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA JUNTO A UM PROCESSO DE DESPEJO DE UM ACAMPAMENTO DO MST?

Lucas Rodrigues da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – lucasrodriguessilva221@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0001-9022-589X>

Carolina Tamayo Osorio

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP – ctamayo@unicamp.br

 <https://orcid.org/0000-0002-8478-7845>

GD3 – Ensino de matemática na formação de professores(as) indígenas, quilombolas, do campo e demais povos e comunidades tradicionais

Resumo: Esta comunicação apresenta resultados parciais de uma pesquisa de mestrado que investiga processos formativos de professores (*que problematizam matemáticas*) no contexto do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). O estudo busca compreender como práticas docentes, em territórios de luta, produzem modos de “professorar” que tensionam perspectivas hegemônicas da Educação Matemática. Metodologicamente, adota-se a cartografia, acompanhando processos de subjetivação de docentes de uma escola no Acampamento Pátria Livre (MG). Os resultados indicam que, atravessados por afetos, práticas coletivas e lutas cotidianas, tais processos produzem deslocamentos nas formas de ser professor, evidenciando a constituição de um *professor-em-movimento*.

Palavras-chave: Educação Matemática. Educação do Campo. Movimentos Sociais.

Apresentação da pesquisa: começo, meio, começo...

Embalados pela trajetória da Educação proposta e construída pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST, Brasil), esta pesquisa é por nós compreendida como um movimento não linear. Em dialogia com a proposta do Mestre Antonio Bispo dos Santos (2019), não se trata aqui de evidenciar a lógica moderna de linearidade e progresso, mas buscamos pela aproximação a uma epistemologia circular e relacional. Para Bispo (2019), o conhecimento não se organiza em etapas fixas, mas em fluxos contínuos de retomada, onde o começo nunca se esgota e o meio não é transição, mas permanência viva do processo. Assim, esta pesquisa se apresenta como prática de “reexistência”, na qual narrar é também voltar, refazer e reinscrever sentidos, articulando memória, território e ancestralidade com um dos movimentos da terra mais importantes da América Latina. Nesse horizonte, o “início” não é um ponto de partida isolado, mas uma retomada situada; o “meio” não é apenas desenvolvimento, mas aprofundamento relacional; e o retorno ao “início” configura um gesto político-epistêmico que desafia a colonialidade do saber, reafirmando outras formas de produzir conhecimento enraizadas em cosmologias não ocidentais.

Sem início, mas embalados pelo amor pela terra, embalados pelo pensamento “a terra dá e a terra quer. Quando dizemos isso, não estamos falando da terra em si, mas da terra e de todos os seus compartilhantes” (Bispo 2019, p. 56). Nos embalamos numa pesquisa coletiva que possui importantes momentos: o primeiro, em que fazemos a análise dos Cadernos de Educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) – como começo-, buscando aprender com suas práticas e repertórios, e o segundo, ao qual vamos à campo -o meio-, para acompanhar professoras(es) da Escola Elizabeth Teixeira, em um acampamento de reforma agrária nomeado Pátria Livre, em São Joaquim de Bicas na região metropolitana da cidade de Belo Horizonte – Minas Gerais, Brasil. O movimento de escrita deste texto seguirá com as intensidades percebidas no segundo momento, ao qual nos inserimos no segundo semestre de 2025 e damos continuidade no primeiro semestre de 2026. E, no terceiro momento, mas que não será foco desta escrita, retornamos ao começo, para responder a seguinte pergunta de pesquisa: *Que pode uma formação de professores [que problematizem matemáticas], junto ao processo de subjetivação de 4 professores da Escola Estadual Elizabeth Teixeira, Acampamento Pátria Livre, MST – Minas Gerais - Brasil?*

O Brasil apresenta elevada concentração fundiária, historicamente associada à predominância de grandes propriedades e ao avanço do agronegócio, frequentemente voltado à monocultura e à exportação, enquanto pequenos produtores, importantes para o abastecimento interno, operam com acesso mais limitado à terra e recursos, o que se relaciona a desigualdades

mais amplas, como a insegurança alimentar. Nesse contexto, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra atua na luta pela reforma agrária, organizando famílias para a ocupação de terras improdutivas, onde erguem acampamentos — territórios em construção nos quais não apenas se estabelecem moradias, mas também escolas, formas coletivas de trabalho e modos de vida que tensionam a lógica dominante de uso da terra.

O Movimento é organizado por setores administrativos. Aqui, nos ateremos ao Setor de Educação, que foi criado em 1987, a partir de demandas de famílias acampadas por uma educação pensada para e pelo próprio movimento, uma vez que a ação revolucionária de ocupar terras demanda organização, formação política e técnica dos militantes. O Movimento, em parceria com diversas universidades, produz um currículo com ideários e objetivos próprios para suas Escolas, tanto dos acampamentos quanto para áreas conquistadas, os assentamentos.

Tendo em vista este modo próprio de produção e manutenção da vida, na contramão de um Estado neoliberal brasileiro, propomos uma cartografia como postura para desenvolvimento desta pesquisa. A cartografia foi proposta por Deleuze e Guattari em 1980, mas pensada enquanto método de pesquisa pelos brasileiros Virgínia Kastrup, Eduardo Passos e Liliana da Escóssia (2009). A cartografia permite que o pesquisador acompanhe processos de subjetivação em campo, trace linhas de força que co-habitam um certo território existencial. Dessa forma, pressupomos um pesquisador que se mantenha abeto aos encontros e fluxos que o campo de pesquisa apresenta. Portanto, nos propomos acompanhar três professoras e um professor da Escola Estadual Elizabeth Teixeira – Itinerante – do Acampamento Pátria Livre, localizado em São Joaquim de Bicas, Minas Gerais, Brasil.

Por entender o MST como um movimento de contraconduta, nos propomos a (des)aprender, enquanto professores que problematizam matemática¹, junto aos processos formativos, lutas cotidianas e alegrias desses quatro professores em um acampamento de luta por reforma agrária. *Que pode a formação de professores [de matemáticaS] junto a esse processo?* Como esta é uma pesquisa em andamento, para esta comunicação apresentaremos as (des)aprendizagens junto a duas professoras: Kézia, que ministra a disciplina de artes e Cecília, de ensino religioso².

¹ Problematizar matemáticaS, se refere ao movimento de professores, pesquisadores, pensadores da Educação Matemática que se colocam como aprendizes de diversas maneiras de se estar e pensar o mundo. Além do mais, se colocam sempre em transgressão e desnudar o pacto modernidade/colonialidade presente neste campo de estudo e na academia em geral.

² Esta pesquisa de mestrado é desenvolvida no marco do projeto guarda-chuva intitulado “decolonialidade e educação matemática: formação de professores e práticas pedagógicas” aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Minas Gerais em nome da professora Carolina Tamayo Osorio com CAAE no.: 78105224.7.0000.5149.

Um *professor-em-[M]ovimento*: a vida como começo-meio-começo

No início de 2026, o Acampamento Pátria Livre foi despejado para dar lugar a uma empresa de mineração. Acompanhei esse processo junto à Escola Estadual Elizabeth Teixeira, com as professoras Kézia, Gianni, Cecília e o professor Bruno. Até 23/04/2026, cerca de 2/3 das famílias permanecem em São Joaquim de Bicas, em nova área, enquanto 1/3 está em Mateus Leme. Sigo acompanhando a nova escola em São Joaquim de Bicas, com o mesmo corpo docente, realizando também visitas a Mateus Leme. Este texto apresenta um recorte desse processo de despejo e recomeço a partir das experiências de estudantes e professores.

Escrevo este texto em meio ao processo de pesquisa e tenho levantado algumas questões: Como os professores Bruno, Gianni, Kézia e Cecília têm sido subjetivados em um acampamento do maior Movimento social por reforma agrária da América Latina? Tenho pensado neles como *professores-em-[M]ovimento*: o M maiúsculo por fazerem parte de um Movimento Social e, o m minúsculo que representa continuidade, processo. Inspirado pelo conceito de *professor-militante* de Silvo Gallo (2002) e, tendo em vista o processo de despejo e (re)começo que os professores, acampados ou não, estão vivenciando, proponho o conceito de *professor-em-[M]ovimento* como o resultado desta pesquisa até aqui. Quando o professor de Matemática, Bruno, diz que ao chegar na Escola chorou e gostaria de ir embora, mas que hoje se implica, organiza momentos formativos, que se considerava carrasco e que atualmente se vê extremamente sensibilizado, que participa de momentos de resistência, afeta e se permite ser afetado por seus alunos e alunas, entendo a imensa importância da existência do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra na luta contra o Estado Neoliberal, Capitalista. Nesse recomeço, deixo algumas fotografias e considerações que ilustram o último dia de aula no antigo acampamento Pátria Livre e o primeiro dia de aula no novo acampamento, bem como a destruição e construção de uma nova escola.



Figura 1. Último dia de aula. Acampamento Pátria Livre (MST). Fonte: arquivo pessoal.

Este é o registro do último dia dos alunos e alunas na escola, no momento da mística

com o tema memória. A mística é um momento formativo muito importante para o MST, em que nessa especificamente, os professores, junto com os educandos, contam sobre momentos felizes que viveram na escola, eu também contei meu momento feliz, compartilham músicas, poesias. Dos professores que acompanho, Bruno e Gianni estavam por lá. O Bruno, professor de matemática, organizou a mística e disse que sua melhor lembrança é do canto do sabiá, uma sala de aula ao ar livre, embaixo de uma árvore gigantesca. O professor disse que utilizava muito. Gianni, professora de Geografia, se lembrou de sua primeira vez na escola, em que um aluno pegou em sua mão e a levou para conhecer o território, se sentiu acolhida.

1 semana após o último dia de aula, professores e professoras se reuniram para auxiliarem a mudança da escola. Neste dia estavam os 4 professores que acompanho: Kézia, Cecília, Bruno e Gianni. Carregamos armário, mesas, cadeiras, quadros, portas janelas, telhas. Senti no meu corpo aquele processo de começo-meio-começo.



Figura 3. Escola antes. Acampamento Pátria Livre (MST).
Fonte: arquivo pessoal



Figura 4. Escola depois. Acampamento Pátria Livre (MST). Fonte: arquivo pessoal



Figura 5. Herbário pelos alunos. Novo território. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 6. Construção da nova escola. Novo território. Fonte: arquivo pessoal.

Entre a destruição e a construção, a escola não cessa: ela se refaz nos corpos, nos gestos e na coletividade. O que poderia ser fim, insiste como recomeço, afirmando, no próprio território em disputa, a potência de seguir ensinando, aprendendo e existindo juntos.

Recomeço: pistas de uma formação em [M]movimento

Longe de se encerrar, este texto retorna ao começo ao afirmar que o que pode uma formação de professores, nesse contexto, não se dá como resposta fixa, mas como processo em curso, tecido nas lutas, nos afetos e nas reinvenções cotidianas vividas neste acampamento específico. Acompanhando o despejo e o recomeço da escola, torna-se possível perceber que a formação não antecede a prática, mas se faz com ela, produzindo *professores-em-[M]movimento* que, ao se deixarem afetar pelo território, pelos estudantes e pela luta, deslocam modos de ensinar, de aprender e de existir. Assim, mais do que indicar um modelo de formação, esta pesquisa evidencia que, junto ao MST, a docência se constitui como prática coletiva de reexistência, na qual ensinar matemáticaS implica também inventar outras formas de vida, de escola e de mundo.

Referências

- BISPO DOS SANTOS, Antonio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2019.
- DELEUZE, Gilles. *L'Abécédaire de Gilles Deleuze*. Entrevista concedida a Claire Parnet. Direção de Pierre-André Boutang. França, 1988.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.
- GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor. *Educação & Realidade*, v. 27, n. 2, 2002.
- KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. *Nossa produção*. 2026. Disponível em: <https://mst.org.br/nossa-producao/>. Acesso em: 02 mar. 2026.